

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

DOCUMENTAÇÃO EM MUSEUS DE ANATOMIA PATOLÓGICA

DOCUMENTATION IN PATHOLOGY MUSEUMS

Maria Karla Belo da Silva Tavares – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Marcio Ferreira Rangel – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de Oliveira – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Museus de Anatomia Patológica são instituições estratégicas para a guarda e preservação de um importante patrimônio científico, formado por material biológico, que possui uma rede de documentos e nos permite compreender o processo de sua formação. O presente artigo tem como objetivo destacar a importância da integração informacional entre o material biológico presente nos museus de anatomia patológica e sua documentação associada, utilizando a Coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz como estudo de caso. A metodologia baseou-se no estudo exploratório realizado por meio da análise em fontes primárias preservadas em arquivo histórico, além do levantamento de publicações em periódicos científicos relacionados ao acervo do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, localizado e recuperado no início dos anos 2000. Como resultado, desta relação entre a documentação e o material biológico, temos uma maior valoração do acervo tendo como exemplo a identificação de peças-chave para a compreensão de patologias, como a cardiopatia chagásica. Conclui-se que a integração informacional não apenas corrobora para preservar o valor histórico e científico do acervo, como também aumenta seu potencial educativo e de pesquisa. O estudo reforça a necessidade de estratégias que considerem a preservação tanto do material biológico quanto dos registros documentais, assegurando que esses acervos continuem a ser recursos valiosos para as gerações futuras.

Palavras-chave: Documentação; Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz; patrimônio cultural da saúde.

Abstract: Pathological Anatomy Museums are strategic institutions for the safekeeping and preservation of an important scientific heritage, consisting of biological material, which has a network of documents and allows us to understand the process of its formation. This article aims to highlight the importance of informational integration between the biological material present in pathological anatomy museums and its associated documentation, using the Collection of the Pathological Anatomy Section of the Pathology Museum of the Oswaldo Cruz Institute as a case study. The methodology was based on an exploratory study carried out through the analysis of primary sources preserved in historical archives, in addition to the survey of publications in scientific journals related

to the collection of the Pathology Museum of the Oswaldo Cruz Institute, located and recovered in the early 2000s. As a result of the relation between documentation and biological material, we have a greater appreciation of the collection, having as an example the identification of key pieces for understanding pathologies such as Chagas heart disease. We concluded that informational integration not only helps to preserve the historical and scientific value of the collection, but increases its educational and research potential. The study reinforces the need for strategies that consider the preservation of both biological material and documentary records, ensuring that these collections continue to be valuable resources for future generations.

Keywords: Documentation; Pathology Museum of the Oswaldo Cruz Institute; heritage of cultural health

1 INTRODUÇÃO

Os museus de patologia possuem materiais únicos na exibição de anatomia e de doenças em que as questões de ensino, pesquisa e difusão do conhecimento estão no cerne da formação das primeiras coleções constituídas a partir do século XVIII, no continente europeu, além de servirem como o principal recurso educacional nas escolas médicas e em centros científicos entre o fim do século XIX e início do XX. De acordo com Marcio Ferreira Rangel (2013), o homem como objeto de estudo, como “[...] objeto científico, ou seja, como uma coisa natural matematizável e experimentável, é uma concepção surgida no século XIX, pois até então tudo o que se referia ao homem pertencia ao campo da filosofia” (Rangel, 2013, p. 409).

Durante a primeira metade do século XX, os museus de patologia foram o principal recurso educacional nas escolas médicas, desde o amanhecer da medicina moderna na segunda metade do século, um corpo cada vez maior de conhecimento foi progressivamente incluído no currículo médico e o ensino da patologia foi grosseiramente menosprezado. Museus que sobreviveram a essa reviravolta cultural podem ser encontrados em todo o mundo, principalmente na Europa. Várias coleções relacionadas à universidade também estão localizadas na América do Norte, América do Sul e Austrália, como o Maude Abbott Medical Museum em Montreal, o Johns Hopkins Medical Institutions (incluindo o Departamento de Arte Aplicada à Medicina) em Baltimore, o Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro e o Museu de Anatomia e Patologia Harry Brookes Allen em Melb (Santi *et al.*, 2022, p. 1237, tradução nossa).

Na segunda metade do século XX, o advento de novas práticas médicas e o uso de novas tecnologias, modificou-se o ensino médico e a formação de coleções de anatomia patológica entrou em declínio, sobretudo pela inserção de novas ferramentas que simulam o corpo humano, como por exemplo: modelos médicos tridimensionais e softwares de realidade

virtual. Neste novo contexto, percebe-se um maior questionamento sobre as questões éticas envolvendo a manipulação e a exposição de material biológico humano, tendo como questão central a preocupação dos profissionais em evitar a “curiosidade mórbida”.

Partindo desse princípio, a Federação Internacional de Associações de Anatomistas (IFAA, 2023)¹, na recomendação sobre as boas práticas no ensino e pesquisa em anatomia, orientam que a exposição em torno da aquisição e uso de imagens de tecidos humanos deve permear o consentimento esclarecido por parte dos doadores ou dos responsáveis legais dos doadores. As resoluções da IFAA são voltadas aos profissionais associados, e no caso brasileiro, não há uma diretriz semelhante que se desdobre sobre as coleções com material biológico humano e a sua exposição².

O grupo de pesquisa *History of Pathology Working Group*³, mapeou através dos profissionais membros, a infraestrutura relacionada à gestão e a infraestrutura de museus de quatorze países de profissionais membros. Os dados obtidos fornecem um panorama diversificado dos museus de patologia, com ênfase em suas forças, desafios e oportunidades. Entre as informações, destaca-se que a documentação clínica original é usada para descrever cerca de 59% das amostras. Quanto ao tamanho das coleções, 52% registram até 1.000 objetos. O acesso público é permitido em 48% desses museus e a comunicação sobre os acervos é realizada principalmente através do "boca a boca" (53%), com apenas 12% das coleções listadas online (Santi *et al.*, 2022, p. 1239).

¹ “O uso de conjuntos de dados históricos de imagens adquiridos antes do desenvolvimento de padrões éticos contemporâneos deve ser realizado com cuidado e com referência a estas diretrizes para facilitar a tomada de decisões apropriadas sobre seu uso. Nestes casos, a transparência é uma prioridade e pode ser útil fornecer indicação sobre se o estatuto de consentimento da pessoa era desconhecido, não consentido ou consentido. Sempre que possível, as imagens de coleções históricas de pessoas desconhecidas ou não consentidas devem ser substituídas por imagens de pessoas consentidas, exceto em ambientes educacionais que abordem especificamente a história e a ética da sua aquisição” (IFAA, 2023, tradução nossa).

² No ano de 2023, ocorreu uma reunião ampliada para os profissionais de museus encabeçada pelo ICOM Brasil sobre a revisão do código de ética para museus, contudo não houve consenso sobre as questões éticas específicas sobre as coleções de anatomia patológica, concordando com a necessidade de discussão de profissionais, entidades e museus de anatomia, patologia e histologia. Para mais informações, acesse: www.icom.org.br

³ O objetivo deste Grupo de Trabalho é estimular a pesquisa colaborativa no campo da história da patologia entre universidades e hospitais por toda a Europa. Um esforço adicional do grupo é desenvolver uma visão completa dos museus e coleções de patologia europeus. Para mais informações, acesse: esp-pathology.org

Apesar dos dados apresentarem um panorama internacional, os museus de patologia no cenário nacional apresentam semelhanças, no qual parte do acervo se encontra dissociado de sua documentação e assim, são permeados por vulnerabilidades como a indefinição de espaços, diminuição das coleções, comunicação limitada ao público especializado, dificuldade de compreensão e reconhecimento por gestores como patrimônio cultural da saúde⁴. De acordo com especialistas, a valorização e a preservação desta tipologia de museus e coleções está relacionada à associação da documentação histórica (prontuários, cadernos de laboratórios, livros de procedimentos, inventários) e com a correlação crítica acerca do contexto sociocultural em que foram formadas. Rosa Gouveia, responsável pelo Museu de Anatomia Patológica de Coimbra, salienta em reportagem que esta tipologia de museu constitui repositórios biológicos abertos à pesquisa em que os pesquisadores podem, a partir do material histórico, aplicar técnicas novas “[...] retirar fragmentos desses órgãos preservados e aplicar técnicas atuais, usadas no diagnóstico e tratamento de doentes hoje em dia” (Caminhos [...], 2019).

No entanto, um dos desafios atuais consiste no fortalecimento dos museus de patologia enquanto patrimônio cultural da ciência e tecnologia e da comunicação de seus acervos a um público amplo e irrestrito. No caso das peças anatômicas da Coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, são reconhecidas como patrimônio histórico-científico da Fundação Oswaldo Cruz. Apesar deste reconhecimento, muitas vezes, são compreendidas somente pela sua natureza biológica, dissociadas como patrimônio cultural da saúde e tampouco pelo seu potencial museológico. Nesse sentido, iniciaram-se, ações de busca ativa de informações associadas à coleção em arquivo histórico a fim de “[...] difundir este vasto acervo da ciência e da saúde, enriquecido e renovado pelas novas mediações que hoje se processam entre ciência, saúde e sociedade” (BVS, 2005).

⁴ No Brasil, o conceito de patrimônio cultural da saúde é pouco conhecido e explorado por profissionais dedicados ao patrimônio. Esse conceito refere-se a: “a um conjunto de bens materiais e simbólicos socialmente construídos, que expressam o processo da saúde individual e coletiva nas suas dimensões científica, histórica e cultural” (BVS, 2005).

2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO INFORMACIONAL DA COLEÇÃO DA SEÇÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DO MUSEU DA PATOLOGIA DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ

A musealização é a operação em que se atribui aos objetos musealizados diferentes estatutos, refletindo as complexas relações para além de sua função essencial que “deixa de ser utilitária passando ser a interpretativa” (Brulon, 2015, p. 26). De acordo com Nelson Sanjad (2021), curador das Coleções Documentais Históricas do Museu Paraense Emílio Goeldi, a documentação está entre as ações envolvidas no processo de musealização e mesmo assim é a que menos recebe atenção quando se relaciona a uma coleção biológica “[...] é fundamental para qualificar uma coleção e garantir que novos espécimes incorporados no acervo sejam plenamente utilizados como fontes de informação” (Sanjad; Costa, 2021, p. 3). Em um trabalho sobre a organização da informação para o Museu de Anatomia Veterinária da USP, a museóloga Suely Ceravolo (1998) discorre sobre o suporte plurissignificativo das peças anatômicas, tal como as possibilidades de informação em contextos diferenciados que se cruzam entre a ciência e a técnica.

Por conseguinte, as peças anatômicas de modo similar a qualquer outro objeto de museu, são produtos de uma elaboração técnica ou técnico-científica. Esses produtos não são coisas isoladas em si, mas mantêm vínculos com contextos, neste caso, contextos científicos e técnicos (técnicas anatômicas), ao qual a peça anatômica pode ser remetida. Nesse universo não explícito, nesse contido (conteúdo) - agregado não aparente - encontra-se a informação associada, o gérmen dos temas aos quais cada item da coleção (e por extensão a coleção no seu conjunto) pode estar relacionado. Esta situação abre um leque de possibilidades de inserção da peça anatômica em contextos informativos diferenciados, considerando-se que ela também é um suporte plurissignificativo, o que equivale a dizer, que sob o ponto de vista documentário há modos de ampliar as informações sobre a coleção para além da sua descrição física (Ceravolo, 1998, p. 33).

A importância da documentação museológica, especialmente no contexto de coleções anatômicas, ressalta que essas peças não devem ser vistas como objetos isolados, mas como elementos que fazem parte de um sistema mais amplo de conhecimentos técnico-científicos. É por meio da documentação que o objeto é entendido a partir de suas relações com outros objetos em um dado meio, “[...] tais referências tornam-se dados do objeto, sobre o objeto e ao redor do objeto a serem registrados” (Ceravolo, 1998, p. 33). Neste sentido, como qualificar uma coleção como fonte primária de informação, compreendendo como parte integrante o material biológico e os produtos documentais que formam a sua produção?

Em nossa percepção, a peça anatômica só pode ser completamente compreendida quando situada dentro de seu contexto de produção e uso. Assim, a documentação deve refletir esses vínculos, oferecendo uma visão mais abrangente do objeto. A ideia de que as peças anatômicas são "suportes plurissignificativos" reforça que elas possuem múltiplos significados, podendo variar conforme o contexto em que estão inseridas. Isso significa que, do ponto de vista documental, as informações sobre uma peça podem ser continuamente ampliadas, refletindo novos achados científicos, abordagens ou interpretações culturais.

Este é o contexto de grande parte da Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP) do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz em que seu acervo foi disperso e dissociado, ainda a Divisão de Patologia e o Museu da Patologia foram descontinuados no início da década de 1970 durante a intervenção militar ocorrida na instituição. O Massacre de Manguinhos, termo cunhado pelo entomologista Herman Lent [1911-2004], foi um caso de expurgo político que ocorreu no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), atual unidade técnica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), durante a ditadura militar no Brasil. Este episódio se refere à perseguição de cientistas, à interrupção de linhas de pesquisas e à dispersão de coleções científicas.

Antes mesmo de serem iniciados tais inquéritos, vários cientistas que exerciam funções de chefia (dois chefes de divisão, Walter Oswaldo Cruz, da Divisão de Patologia, e Herman Lent, da Divisão de Zoologia; e seis chefes de seção, J. F. Teixeira de Freitas, Henrique Velloso, Haity Moussatché, Fernando Ubatuba, Hugo de Souza Lopes e Masao Goto) foram afastados dessas chefias pelo Ministro da Saúde Raymundo de Britto, que assim proclamava um prejulgamento justamente no momento em que se iniciavam os inquéritos (Lent, 2019, p. 34).

No ápice do Museu de Anatomia Patológica do Instituto Oswaldo Cruz, nome anterior do Museu da Patologia, entre as décadas de 1920 e 1950, a CSAP era disposta em cerca de 40 armários com mais de mil peças anatômicas que possuía documentação minuciosa sobre cada peça, como prontuários, laudos de autópsias, livros de registros, além de cadernos de patologistas com procedimentos e técnicas utilizadas na preservação do acervo (Tavares *et al.*, 2023). Atualmente, o acervo da CSAP compõe cerca de 864 peças anatômicas reconhecidas como patrimônio histórico-científico da Fundação Oswaldo Cruz, destas, apenas 132 possuem uma etiqueta de identificação. Em relação a identificação⁵, é por meio dela que

⁵ As informações registradas na etiqueta de identificação das peças da CSAP compreende os seguintes dados: (1) Nome do Instituto Oswaldo Cruz; (2) Seção de Anatomia Patológica; (3) Identificação do órgão; (4) Número de registro do Museu; (5) Número de registro da peça cirúrgica; (6) Número de registro da autópsia; (7) Diagnóstico; (8) Paciente; (9) Patologista e (10) Método de fixação.

temos acesso aos metadados responsáveis por recuperar informação estruturada da peça anatômica.

O termo "metadados" é definido como um conceito amplo que abrange diversos tipos de informações criadas ou capturadas em diferentes contextos informacionais. Isso inclui dados descritivos, técnicos, de preservação, entre outros, que oferecem uma compreensão mais aprofundada dos recursos informacionais. Os metadados atuam como mediadores que organizam e conectam dados aparentemente dispersos, permitindo uma visualização mais clara e completa da informação sobre a peça anatômica. Isso é fundamental em coleções científicas, onde a contextualização e a inter-relação de dados podem revelar insights importantes.

Metadados é um termo genérico que abrange uma ampla variedade de tipos específicos de informações, as quais são criadas ou capturadas sob vários tipos de recursos informacionais. Na comunidade biblioteconômica, por exemplo, o termo é usado para se referir a qualquer esquema de descrição de recurso, aplicado a qualquer tipo de objeto, sendo ele digital ou não (Lima; Santos; Santarém Segundo, 2016, p. 52).

Os metadados facilitam a forma de entendermos a relação entre as informações e os dados fornecidos nas mais variadas formas e contextos (Lima; Santos; Santarém Segundo, 2016, p. 54).

[...] essas informações estão sendo disponibilizadas de forma não estruturada. Isso dificulta a troca de dados, a comunicação e a interoperabilidade entre sistemas de museus, que necessitam de padrões de metadados adequados para gerenciar e disponibilizar informações vinculadas a seus acervos (Lima; Santos; Santarém Segundo, 2016, p. 50).

A publicação do Manual de Digitalização (2018) para os acervos científico-culturais da Fundação Oswaldo Cruz remete a preocupação com a dificuldade de recuperação de informação e a interoperabilidade entre os sistemas. No caso de coleções anatômicas, esses metadados podem incluir desde detalhes sobre a origem e o método de preservação até o contexto científico em que a peça foi utilizada.

No que tange os acervos histopatológicos, estabelece como parâmetros:

- nome científico;
- assunto / sexo / idade/ diagnóstico histopatológico;
- patologista / coletor (pessoa);
- ocorrência ID / número de registro.

Entretanto, ainda que os dados auxiliem na identificação primária das peças, estes, por si só, não conseguem suprir a necessidade de associação informacional a fim de qualificar o acervo como objeto museológico. Nesse sentido, parte das ações realizadas pela equipe, baseia-se na pesquisa em arquivo histórico permanente de parte das informações concernentes à coleção. Por exemplo, o número de autópsia, informado nas etiquetas, é utilizado como elemento norteador para a busca de informações associadas em prontuários médicos, laudos e publicações científicas encontradas em periódicos médicos.

Em uma coleção biológica, a documentação não se restringe à adição de etiquetas com metadados, nem à identificação científica dos espécimes. Uma visão mais completa e complexa dessa tarefa demanda o registro – em algum suporte e, de preferência, com acesso público – da proveniência do espécime, de seu coletor e da data de coleta, mas também do ambiente onde foi encontrado e de outros dados utilizados em pesquisas ecológicas, de técnicas de coleta e preparo utilizadas, do estado de conservação, do financiamento da pesquisa ou expedição, da equipe envolvida e de dificuldades encontradas. Enfim, o registro de qualquer informação que, no presente ou no futuro, possa ser útil para o estudo daquele espécime, seja do ponto de vista taxonômico, biológico, evolutivo, ecológico, museológico ou histórico (Sanjad; Costa, 2021, p. 4).

De acordo com Lorraine Daston, “o arquivo é onde o passado, presente e futuro científicos convergem. Mais especificamente, o arquivo é a expressão física de como a ciência presente cria um passado utilizável para a ciência futura” (Daston, 2017, p. 10). A autora salienta que os arquivos conectam gerações de cientistas, na medida em que descobertas e métodos são continuamente revisados e aprimorados com base em informações do passado. Essa perspectiva pode ser aplicada às coleções biológicas e suas informações associadas, pois possibilita que cientistas de diferentes épocas realizem análises retroativas, comparando dados passados com os atuais para compreender a evolução de fenômenos biológicos, como doenças.

2.1 Pesquisa e contextualização em arquivo permanente

A pesquisa se concentrou nas peças que estavam identificadas, no levantamento de patologias recorrentes que estavam no inventário realizado pela equipe do Museu da Patologia a partir da recuperação da CSAP (Oliveira; Pelajo-Machado, 2011) e no mapeamento de pesquisadores que trabalharam no laboratório na busca por identificar, em suas pesquisas, informações que auxiliem a identificação das peças e a sua contextualização. Ao analisarmos

o inventário, identificamos que o órgão coração corresponde a 15% das peças conservadas pela coleção. Este percentual poderia estar associado aos estudos realizados à descoberta da Doença de Chagas, e às novas linhas de pesquisa desta patologia ao longo das décadas por outros patologistas que integravam a Seção de Anatomia Patológica.

Nesse período, o chefe desta seção também era responsável pela manutenção da coleção e preservação do Museu de Patologia. Entre os patologistas, destacam-se o próprio Carlos Chagas que chefiou o Laboratório de Anatomia Patológica, assim como Gaspar Vianna⁶, Magarinos Torres⁷ e Emmanuel Dias⁸ que aprofundaram por meio do exame necroscópico a compreensão da doença. Este último, detalhou uma condição que afeta o paciente na fase crônica da doença, a cardiopatia chagásica que ocasiona insuficiência cardíaca congestiva⁹. Um dos casos emblemáticos presentes na CSAP, é a peça anatômica de número 14.565, um coração fixado por Emmanuel Dias e utilizado como modelo para estudar a cardiopatia chagásica.

As únicas informações que constam na etiqueta são: nome do paciente, causa do óbito, pesquisador e local de coleta. Assim, pesquisamos na literatura que a cidade de coleta, Bambuí, Minas Gerais. Em 1943, Emmanuel Dias foi convidado pelo diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Henrique de Beaurepaire Aragão, para liderar o Centro de Estudos e Profilaxia da Doença de Chagas (CEPMC). Esta unidade, associada à Divisão de Estudos de Endemias do Instituto Oswaldo Cruz, teve como objetivo o estudo clínico e anatomopatológico da Doença de Chagas e sua profilaxia em Bambuí, à época, foco epidemiológico da doença no país.

⁶ Gaspar de Oliveira Vianna foi um médico patologista e pesquisador brasileiro nascido em Belém do Pará em 11 de maio de 1885 e falecido em 14 de junho de 1914. Foi o primeiro a descrever as lesões anatomopatológicas da Doença de Chagas. Em 1912, apresentou ao VII Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia o trabalho sobre o tratamento da Leishmaniose.

⁷ Carlos Magarinos Torres nasceu no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1891 e faleceu em janeiro de 1984 aos 93 anos. O seu ingresso no Instituto Oswaldo Cruz deu-se com o intuito de integrar a comissão de profilaxia e assistência médica aos pacientes de Chagas, em Minas Gerais.

⁸ Emmanuel Dias (Rio de Janeiro, 27 de julho de 1908 – Belo Horizonte, 23 de outubro de 1962) foi um médico parasitologista, pesquisador e professor universitário brasileiro. Figura central para o reconhecimento da doença de Chagas como problema de saúde pública no Brasil.

⁹ A doença de Chagas foi descoberta pelo sanitarista brasileiro Carlos Chagas que, na ocasião, combatia a malária no interior de Minas Gerais. O vetor da doença é o protozoário *Trypanosoma cruzi* – batizado assim por Chagas para homenagear o cientista Oswaldo Cruz – que usa o barbeiro como hospedeiro. O nome “barbeiro” se deve ao costume do inseto picar as pessoas na região do rosto. A forma cardíaca crônica é a principal causa de mortalidade da doença de Chagas, pois responde por comprometimento cardíaco que leva a alterações do ritmo cardíaco, fenômenos tromboembólicos e insuficiência cardíaca congestiva. Para mais informações, acesse: <https://www.icc.fiocruz.br/carlos-chagas-3/>

Figura 1 – Peça anatômica n. 14.565 e Emmanuel Dias atendendo uma mulher em Bambuí - MG (1945)



Fonte: Museu da Patologia (IOC/Fiocruz) e arquivo pessoal de João Carlos Pinto Dias.

O processo de pesquisa, assim, se deu por meio da reconstituição de parte da obra do pesquisador, com a consulta no arquivo institucional do Departamento de Arquivo e Documentação (COC/Fiocruz), a partir de documentos sobre o posto avançado em Bambuí e o levantamento dos casos nesse período por meio do acesso aos prontuários médicos do Hospital Evandro Chagas, unidade da Fiocruz, que recebia as peças e realizavam as autópsias oriundos do posto avançado de Bambuí.

Em decorrência deste conjunto de pesquisas, Laranja, Dias e Nóbrega declararam, em 1948, que a experiência adquirida em Bambuí permitia-lhes a convicção de que a tripanossomíase americana em sua fase crônica “encontra expressão clínica essencialmente em uma cardiopatia bem definida em seus caracteres anátomo-patológicos, clínicos, radiológicos e eletrocardiográficos, permitindo-lhes individualização segura”. Sintetizando a contribuição do posto de Bambuí, Laranja considerou-a o início de uma nova fase na “história acidentada” da doença de Chagas, em que o reconhecimento da cardiopatia chagásica crônica como “entidade clínica de realidade indiscutível” propiciou a superação do “ceticismo generalizado” que se impuseram sobre o assunto depois da fase inicial da descoberta e dos primeiros estudos de Chagas e seus colaboradores, como descreveu Laranja em 1949. Os trabalhos de Laranja, Dias Nóbrega e Miranda seriam internacionalmente difundidos, em 1956, na prestigiosa revista norte-americana *Circulation*, em artigo que seria um dos mais citados da literatura sobre a doença de Chagas (Anis; Kropf, 2017, p. 10).

Durante o processo, conseguimos identificar o nome do paciente em uma lista de procedimentos, em que consta sua idade, a data de falecimento e a causa do óbito. Além de indícios de que outros membros da família foram acometidos pela doença, como também

autópsias, laudos de exames e correspondências entre o posto avançado de Bambuí com o laboratório da Divisão de Patologia para a realização dos exames e posterior diagnóstico.

Figura 2 – Documentos associados à Coleção da Seção de Anatomia Patológica.



Fonte: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e arquivo pessoal dos autores.

Algumas peças anatômicas com alteração relevantes foram depositadas na CSAP e integram o acervo do Museu, como o caso do coração chagásico e de outras peças similares oriundas do centro avançado, o “[...] diagnóstico da cardiopatia chagásica crônica era realizado por um conjunto de análises, incluindo radiológicas, eletrocardiográficas, mas especialmente de característica clínica, a partir da investigação das peças de anatomia patológica” (Anis; Kropf, 2017, p. 20). O impacto da doença no município na década 1940, pode assim ser observado no relatório. As peças são testemunhos materiais destes processos históricos e científicos: “50% da população estava infectada e que metade desses infectados tinham cardiopatia. Ou seja, praticamente 25% da população, naquela época, tinha cardiopatia chagásica! [...]” (Kropf, 2000, p. 12).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações de contextualização e sensibilização do acervo da Coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz permitiram à equipe

ampliar o potencial das peças anatômicas enquanto objetos musealizados, revelando seus usos e suas articulações com a saúde pública, além de evidenciar a relação inseparável entre as práticas científicas e a construção do conhecimento relacionado à descrição e identificação de patologias. Nesse processo, a pesquisa desenvolvida teve como foco recuperar informações “até então dispersas”, essenciais para a compreensão do objeto tanto em sua estrutura física quanto em seu valor simbólico, viabilizando esse conhecimento por meio da revisão do inventário e da disponibilização online da CSAP a um público amplo e irrestrito, o que converge para a divulgação científica deste acervo centenário.

A disponibilização da base de dados na Internet potencializa o acesso à informação sobre os objetos, ampliando o alcance do museu e transcendendo seus limites físicos. Esse avanço envolve manter o controle e o registro contínuo da trajetória de cada objeto após sua entrada no acervo, seja em exposições, manutenções ou publicações, utilizando ferramentas que integrem diferentes tipologias documentais. Quando uma coleção é devidamente documentada, seu potencial como fonte de informação se expande, agregando valor a todas as etapas de gestão do acervo e fortalecendo seu papel na geração e disseminação de conhecimento. Uma documentação adequada garante maior preservação, pois a memória da coleção e os procedimentos técnicos não ficam restritos ao conhecimento de poucas pessoas, atraindo estudantes e pesquisadores, que identificam nela um vasto campo de estudo a ser explorado.

A partir desse entendimento, é possível inserir as peças anatômicas em múltiplos contextos, abordando não apenas suas características materiais, mas também os significados e histórias a elas associadas. Neste contexto, as informações associadas a cada item da coleção, ainda que não sejam imediatamente visíveis, representam um núcleo de temas e conteúdos que podem ser explorados de maneira ampla. Esse tipo de análise fornece informações valiosas não só para as instituições, mas também para os pesquisadores e o público em geral, explorando aspectos como materialidade, história, ambiente e significados dos objetos. Esses elementos são fundamentais para enriquecer o potencial informativo e educativo das coleções, ampliando seu alcance e relevância.

REFERÊNCIAS

- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Grupo de Trabalho História e Patrimônio Cultural da Saúde**: termo de constituição da Rede História e Patrimônio Cultural da Saúde. 2005. Disponível em: <https://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/patrimonio-cultural>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- BRULON, B. **Os objetos de museus, entre a classificação e o devir**. Informação & Sociedade, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 25-37, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/025/13282>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- CAMINHOS de um Museu de Anatomia Patológica. **A Cabra**, Coimbra, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://acabra.pt/tag/museu/> Acesso em: 22 jun. 2024.
- CERAVOLO, Suely M. **Proposta de sistema de informação documentária para museus (SIDM): a organização da informação para o Museu de Anatomia Veterinária (FMVZ/USP)**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- DASTON, Lorraine. Epilogue: the time of the archive. In: DASTON, Lorraine (ed.). **Science in the archives: pasts, presents, futures**. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2017. p. 329-332.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Manual de Digitalização**. Rio de Janeiro: Fiocruz-Icict, 2018.
- HALLAM, E.; ALBERTI, S. J. M. M. **Bodies in museums**. In: ALBERTI, S. J. M. M.; HALLAM, E. (ed.). **Medical museums: past, present, future**. London: The Royal College of Surgeons of England, 2013.
- KROPF, Simone; AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz. Doença de Chagas: a construção de um fato científico e de um problema de saúde pública no Brasil. *Ciência e Saúde coletiva*, v. 5, n. 2, p. 347-365, 2000.
- LIMA, Fábio Rogério Batista; SANTOS, Plácida Leopoldina V. A. C; SANTARÉM SEGUNDO, José Eduardo. Padrão de metadados no domínio museológico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 50-69, jul./set. 2016.
- NASCIMENTO, R. **O objeto museal como objeto de conhecimento**. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 3, n. 3, p. 7-29, 1994.
- OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de; PELAJO-MACHADO, Marcelo. Museu da Patologia: gestão e áreas de atuação. In: SIMPÓSIO FLUMINENSE DE PATRIMÔNIO CULTURAL-CIENTÍFICO: PLANOS INTEGRADOS DE PRESERVAÇÃO, 1., 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 157-169.

RANGEL, M. F. **A Museologia no mundo contemporâneo**. Ciência da Informação, Brasília, v. 42, n. 3, p. 408-418, 2013.

RASSI, Anis; KROPF, Simone Petraglia. A forma cardíaca da doença de Chagas – histórico. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Portal da Doença de Chagas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2017. Disponível em: <https://fiocruz.br/pidc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=17>. Acesso em: 4 jan. 2024.

SANJAD, Nelson; COSTA, Sue. Comentário III: Reflexões sobre a gestão de coleções biológicas. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 29, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e34>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SANTI, R., Ballestriero, R., Canzonieri, V. *et al.* Voices from the past: results of the ESP history of pathology working group survey on pathology museums. **Virchows Archiv : an international journal of pathology**, Berlim v. 480, n. 6, p. 1231–1238, June 2022.

SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. A Documentação museológica das coleções de ciência e tecnologia em ambiente digital: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins. **Museologia & interdisciplinaridade**, Brasília, v. 10, n. especial, p. 135–157, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v10iEspecial.34816>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SERRES, Juliana Conceição Primon. Preservação do patrimônio cultural da saúde no Brasil: uma questão emergente. **Análise: Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1411-1426, out./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000400011>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUZA, Rildo Bento de; MORAES, Cristina de Cássia Pereira. Apresentação. In: SOUZA, Rildo Bento de; MORAES, Cristina de Cássia Pereira (org.). **Patrimônio cultural da saúde: fontes, métodos e abordagens interdisciplinares**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva; BARBOSA, Bianca Scofano; OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de. Museu e medicina experimental: a coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia. In: RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus (org.). **Cadernos do patrimônio da Ciência e da Tecnologia: da cultura material à gestão de museus** (org.). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2023. p. 265-291.